

AVALIAÇÃO SOCIAL DA CONCORDÂNCIA VERBAL COM A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NO SERTÃO ALAGOANO

SOCIAL EVALUATION OF THE VERBAL AGREEMENT WITH THE FIRST PERSON OF THE PLURAL IN ALAGOANO BACKWOODS

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória¹

RESUMO: Tendo em vista que as formas linguísticas variantes apresentam o mesmo valor de verdade, mas podem diferir quanto às avaliações sociais, mensuramos as normas subjetivas dos falantes do sertão alagoano referente à concordância verbal com a primeira pessoa do plural. Para tanto, recorremos à Teoria da Variação Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972) e elaboramos um experimento de percepção sociolinguística. Os julgamentos dos falantes sinalizam que tanto a concordância verbal com *nós* quanto a concordância verbal com *a gente* recebem uma avaliação negativa, reforçando o rótulo de estereótipo que é associado às variantes *nós + 3PS* e *a gente + 1PP*.

Palavras-chave: Avaliação; Concordância verbal; Pronome *nós*; Pronome *a gente*.

ABSTRACT: Considering that the variant linguistic forms have the same truth value, but can differ in social evaluation, we measure the subjective norms of the speakers of the alagoano backwoods referring to the verbal agreement with the first person of the plural. For that, we used the Theory of Linguistic Variation (WEINREICH, LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972) and developed a sociolinguistic perception experiment. The judgments of the speakers indicate that both verbal agreement with *nós* and verbal agreement with *a gente* receive a negative evaluation, reinforcing the stereotype label that is associated with *nós + 3PS* and *a gente + 1PP* variants.

Keywords: Evaluation; Verbal agreement; Pronoun *nós*; Pronoun *a gente*.

Introdução

Nas variedades do português brasileiro, duas são as formas para designar a 1ª pessoa do plural: *nós* – forma mais antiga ou conservadora – e

¹ Doutora pela UFAL; Professora de Linguística da UFAL – Campus do Sertão e do PGGL da UFAL; Coordenadora do grupo de pesquisa A Língua Usada no Sertão Alagoano – Lusa; E-mail: elyne.vitorio@gmail.com



a gente – forma mais recente ou inovadora, que podem variar tanto na função de sujeito quanto nas funções de complemento e adjunto. Na função de sujeito, *nós* e *a gente* podem ainda variar quanto à concordância com o verbo, ocorrendo tanto com a desinência de 1PP – *mos* quanto com a desinência de 3PS – \emptyset . Nesse contexto variável, *nós + 1PP* e *a gente + 3PS* apresentariam a concordância padrão, ao passo que *nós + 3PS* e *a gente + 1PP* apresentariam a concordância não padrão (cf. NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999).

Outro fator em relação à variação na 1PP nas variedades do português brasileiro diz respeito ao valor social atribuído às formas variantes, tendo em vista que embora as variantes linguísticas apresentem o mesmo valor de verdade ou representacional podem diferir quanto às avaliações sociais, o que se dá, segundo Labov (1972), por conta de pressões sociais que ocorrem constantemente sobre a língua, o que significa considerar que a língua está em constante processo de avaliação. Logo, a preferência pelo uso de uma forma em relação à outra também está relacionada a processos avaliativos do falante/ouvinte, que podem acelerar ou barrar uma mudança na língua.

Esses processos avaliativos podem revelar também até três tipos de julgamentos sociais conscientes e inconscientes sobre a língua, a saber, estereótipo, marcador e indicador (cf. LABOV, 1972). Em relação à concordância verbal associada aos pronomes *nós* e *a gente*, estudos sociolinguísticos têm apontado para uma avaliação negativa ao uso das formas *nós + 3PS* e *a gente + 1PP* (FREITAG, 2016; VITÓRIO, 2017a), com essas variantes sendo associadas a falantes menos escolarizados (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; RUBIO, 2014; BRANDÃO, 2016) e sendo consideradas um traço linguístico socialmente marcado de forma consciente.

Com base nessas considerações, procuramos, nesta pesquisa, descrever a percepção e as atitudes linguísticas de informantes do sertão alagoano em relação à concordância verbal associada ao uso dos pronomes *nós* – *nós + 1PP* e *nós + 3PS* – e *a gente* – *a gente + 3PS* e *a gente + 1PP* – a exemplo de: *nós estudamos muito / nós estuda muito* e *a gente estuda muito / a gente estudamos muito*. Nosso objetivo é mensurar as normas subjetivas dos falantes, com o intuito de identificar se há atitudes positivas ou negativas em relação à concordância verbal associada ao uso dessas



variantes e qual delas é a mais prestigiada e/ou estigmatizada no sertão alagoano.

Concordância verbal com P4

Pesquisas sociolinguísticas sobre a concordância verbal com P4 se concentram na variação entre o pronome *nós* e a forma verbal a ele relacionada (RODRIGUES, 1987; ZILLES; MAYA; SILVA, 2000; ALMEIDA, 2006; COELHO, 2006; CARMO; ARAÚJO, 2010; MATTOS, 2010; RUBIO, 2014; FOEGER; YACOVENCO; SCHERRE, 2017 entre outras), a concordância verbal com o pronome *a gente*, apesar de pouco investigada, também se revela como um fenômeno variável (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; VITÓRIO, 2017b entre outras) ou semicategórico (COELHO, 2006; CARMO; ARAÚJO, 2010; MATTOS, 2010 entre outras).

Na comunidade de fala do sertão alagoano, tanto a concordância verbal com *nós* quanto com *a gente* caracterizam-se como variável, sendo condicionadas por restrições linguísticas e sociais. Em relação à concordância com o pronome *nós*, Silva (2018) mostra percentuais de 75% para *nós + 1PP* contra 25% para *nós + 3PS*, com essa variação sendo condicionada pelas variáveis escolaridade, saliência fônica e explicitude do sujeito. Os dados revelam que a forma *nós + 3PS* é mais frequente entre os falantes menos escolarizados, atingindo um percentual de 60% entre os falantes analfabetos, quando há [- saliência] entre as formas verbais e quando o sujeito é explícito.

No que diz respeito à concordância verbal com o pronome *a gente*, Rodrigues (2018) apresenta percentuais de 95% para *a gente + 3PS* contra apenas 5% para *a gente + 1PP*, com essa variação sendo condicionada pelos grupos de fatores explicitude do sujeito, saliência fônica e escolaridade, com as poucas realizações da variante *a gente + 1PP* sendo favorecidas nos seguintes contextos, a saber, falantes do ensino médio – E2, apresentando um percentual de 9%, quando o sujeito está implícito e quando há mais [+ saliência] entre as formas verbais. No entanto, esses dados não nos possibilitam mensurar o que pensam os falantes sobre o uso dessas variantes nessa comunidade.

Freitag (2016), ao investigar os níveis de gradiência que podem existir entre a estratificação social e estilística na variação da 1PP, pontua que dados de percepção não coadunam com dados de produção, pois os



falantes usam mais *a gente*, mas acreditam usar mais *nós*, revelando que a alternância *nós* e *a gente* em relação simétrica de concordância verbal caracteriza-se como um marcador linguístico, caso que não ocorre na variação da concordância verbal assimétrica – *nós estuda* e *a gente estudamos*, que aponta para uma avaliação social estigmatizada, sugerindo que a avaliação das formas *nós* e *a gente* é fortemente dependente dos padrões de concordância estabelecidos.

Vitório (2017a), ao mensurar o que pensam os falantes maceioenses sobre o uso dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito e a concordância verbal associada a essas variantes, mostra que a variação *nós* e *a gente* comporta-se como um traço linguístico do tipo marcador, uma vez que os falantes não só acreditam usar mais o pronome *nós* como também acham melhor o seu uso, principalmente em situação formal. Em relação ao fenômeno da concordância verbal, a autora acredita que tanto a forma *nós + 3PS* quanto a forma *a gente + 1PP* são estigmatizadas socialmente, mas com uma rejeição social maior da variante *a gente + 1PP – a gente chegamos*.

Tendo em vista que esses dados parecem indicar que a concordância verbal assimétrica com *nós* e *a gente* indica que estamos diante de um estereótipo linguístico e levando em consideração que, na comunidade de fala do sertão alagoano, *nós + 3PS* é mais frequente que *a gente + 1PP* – 25% contra 5%, respectivamente, partimos do pressuposto de que há níveis de aceitação social para a variação da concordância verbal tanto com o pronome *nós* – *nós + 1PP* e *nós + 3PS* quanto com o pronome *a gente* – *a gente + 3PS* e *a gente + 1PP*, o que significa considerar que *nós + 3PS*, como *nós canta*, será mais aceitável do que *a gente + 1PP*, como *a gente cantamos*.

Aporte teórico-metodológico

Para o desenvolvimento deste estudo, recorreremos à Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972; 1975), que se firmou na década de 1960 e baseia-se na análise do uso real da língua dentro da comunidade de fala, considerando a língua como inerentemente variável. A língua é dotada de uma heterogeneidade ordenada, que pode ser estudada tomando por base até cinco problemas empíricos da mudança linguística, a saber, restrição, transição,



encaixamento, avaliação e implementação das formas variantes. O foco de nossa atenção recai, especificamente, sobre o problema empírico da avaliação linguística.

O problema de avaliação responde à seguinte questão: como as mudanças são avaliadas por seus efeitos na estrutura linguística e na estrutura social? Esse problema diz respeito à consciência que os falantes têm sobre as formas da língua e ao poder que sua atitude pode vir a exercer no processo de mudança, ou seja, está relacionado ao nível de atenção dos falantes em relação à fala, buscando compreender três fatores, a saber, de que maneira uma comunidade de fala avalia determinada mudança linguística, qual o efeito dessa avaliação na mudança e até que ponto o estigma social influencia o curso da mudança, o que permite também distinguir diferentes estágios da mudança.

Labov (1975) argumenta que valores sociais atribuídos a formas linguísticas frequentemente simbolizam também valores sociais, que podem alcançar o nível de conscientização social ou podem permanecer abaixo do nível de conscientização, revelando que quanto mais os falantes se tornam conscientes de qualquer mudança na língua, mas eles tendem a rejeitá-la. Assim, ao alcançarem o nível de conscientização social, as formas linguísticas podem se tornar estereótipos linguísticos, que são vistos como traços fortemente marcados dentro da sociedade e propensos a julgamentos muito mais rigorosos e taxativos, logo são associados a atributos sociais negativos.

Os estereótipos linguísticos, apesar de serem traços estigmatizados socialmente, podem ser muito resistentes e duradouros. Segundo Labov (1972), a difusão desses traços pode ocorrer em várias direções e demanda um considerável espaço de tempo, possibilitando a ocorrência de muitas mudanças sociais, o que pode impulsionar ou deter a sua propagação. Caso haja uma forte reação social contra o uso desses traços, essa reação pode levar a um processo de eliminação e desaparecimento, caso haja, por outro lado, um processo avaliativo positivo do grupo que faz uso de tais traços, o movimento contrário pode ocorrer, chegando a serem copiados em outras comunidades.

Tendo em vista que avaliações positivas ou negativas em relação às formas variantes não se dão por características inerentes à linguagem, mas a algum aspecto linguístico associado aos valores sociais que cada



variante carrega dentro de determinada comunidade, mensuramos as normas subjetivas dos falantes em relação à concordância verbal associada a *nós* e *a gente* tomando por base os critérios de formalidade, escolaridade, falar bem, falar bonito e rural *versus* urbano. Para tanto, realizamos um experimento de percepção sociolinguística, que consistiu na apresentação de estímulos aos participantes, que depois responderam a um questionário.

Nossa metodologia foi dividida em três etapas: preparação do estímulo, formulação e aplicação do questionário. Na primeira etapa, gravamos quatro informantes – dois homens e duas mulheres – nascidos e criados no sertão alagoano e que estavam cursando o ensino superior na Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, lendo um texto curto que versava sobre a vida acadêmica dos alunos na referida universidade e que continha as realizações de *nós* e *a gente* na 1PP e 3PS, conforme quadro 1². Cada falante foi gravado inúmeras vezes para que pudéssemos selecionar as realizações mais naturais e barrar os efeitos de outras variações³.

Quadro 1: Sentenças utilizadas como estímulos no texto ouvido pelos participantes

	1PP	3PS
Nós	Nós estudamos muito aqui. Nós chegamos atrasados quase sempre.	Nós estuda muito aqui. Nós chega atrasado quase sempre.
A gente	A gente tem materiais demais. A gente valoriza o Campus.	A gente temos materiais demais. A gente valorizamos o Campus.

Em seguida, selecionamos apenas uma gravação por falante, totalizando quatro falas gravadas que apresentaram 32 realizações de *nós* e *a gente* com verbos na 1PP e 3PS. Cada participante do experimento ouviu a gravação dos quatro falantes, alternando fala masculina e fala feminina, que tem, em média, três minutos de gravação, mas ouviu apenas a mesma voz uma única vez (CAMPBELL-KIBLER, 2008). Procedemos dessa forma com o

² Para o desenvolvimento deste experimento, seguimos os passos apresentados por Drager (2013), mas não manipulamos as falas que serviram como estímulos, trabalhamos com a fala natural dos falantes.

³ Como, por exemplo, a variação na realização aspirada ou fricativa da consoante do segmento tônico que pode ocorrer na realização de *a gente*. Mas não conseguimos controlar, por exemplo, o processo de ditongação que ocorre na realização do pronome *nós*.



intuito de barrar a avaliação da fala de tal falante que pertence a tal sexo, mas focar na avaliação da análise das formas linguísticas em estudo, tomando por base as imagens que esses participantes construíram dessas variantes linguísticas.

Também procedemos dessa forma por acreditarmos que as realizações das variantes utilizadas em falas reais de uso da língua pelos falantes aparecem contextualizadas em determinada situação comunicativa, gozando assim de maior *validade ecológica*, conforme pontua Kenedy (2015, p. 144) ao argumentar que “os dados empíricos utilizados pelo linguista referem-se a algo que efetivamente existe no mundo real e não pode ser apenas um artefato criado pelo próprio pesquisador”. Desse modo, nosso estímulo, que foi ouvido, antes do preenchimento do questionário por cada participante da pesquisa, possui, em média, 12 minutos de gravação.

Em seguida, elaboramos o instrumento de coleta de dados, que foi adaptado de Oushiro (2015), com seis questões para cada variante, como: *para você uma pessoa que fala nós estudamos muito: é formal, é escolarizada, fala bem, fala bonito, mora na área urbana ou na área rural?* As respostas eram dadas por escala gradual de 1 a 5, assim os falantes julgavam 1 para *com certeza não*, 2 para *acho que não*, 3 para *não sei*, 4 para *acho que sim* e 5 para *com certeza*, como figura 1. Participaram do teste 64 informantes, nascidos e criados nas regiões que compõem o sertão de Alagoas, com idades entre 18 e 34 anos e que estavam cursando o ensino superior na referida universidade.

Figura 1: Excerto do instrumento de coleta dos dados das reações subjetivas

Para você, uma pessoa que fala *Nós estudamos muito*:

1. é formal? () com certeza não () acho que não () não sei () acho que sim () com certeza
2. é escolarizada? () com certeza não () acho que não () não sei () acho que sim () com certeza
3. fala bem? () com certeza não () acho que não () não sei () acho que sim () com certeza
4. fala bonito? () com certeza não () acho que não () não sei () acho que sim () com certeza
5. mora na: () área urbana ou () área rural



Para a aplicação do questionário, que foi realizado coletivamente em quatro momentos distintos nas dependências da universidade, com 16 participantes em cada momento, os participantes, primeiramente, preencheram uma ficha social, contendo as seguintes informações: cidade em que nasceu, bairro em que mora, bairro em que morou durante a infância, idade, sexo/gênero e profissão. Em seguida, ouviram os áudios e receberam as instruções a respeito de como responder ao questionário e responderam-no. Por fim, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os dados foram computados no pacote estatístico R – R Core Team (2017), com a análise descritiva com exploração gráfica para a normalidade e variância dos dados⁴.

Análise e discussão dos dados

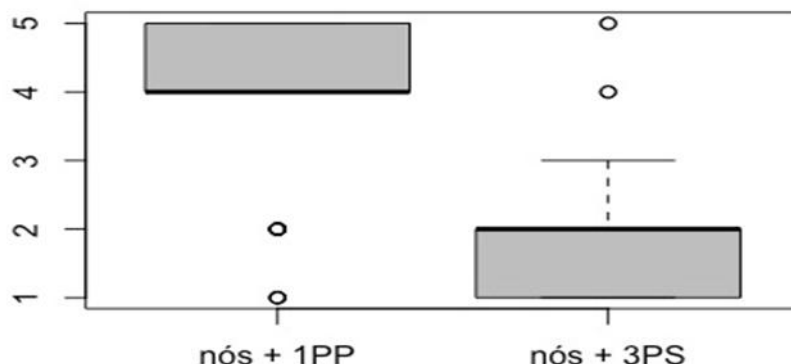
No que diz respeito à concordância verbal com o pronome *nós*, consideramos que a variante *nós + 1PP*, como *nós estudamos muito*, é a variante prestigiada no sertão alagoano, principalmente entre os falantes mais escolarizados, uma vez que essa é a variante abonada nas fontes institucionais e a construção de crenças linguísticas é também regida por instrumentos normativos, mas também acreditamos que não haja tanto estigma ao uso de *nós + 3PS*, como *nós estuda muito*, uma vez que essa variante é bastante recorrente na comunidade em estudo, principalmente entre os falantes menos escolarizados e que moram em regiões mais rurais do sertão alagoano.

Para o critério formalidade, que apresentou variância de 1,61 e valor-p de 0,057, verificamos, conforme gráfico 1, que, enquanto o nível de concordância, para o uso de *nós + 1PP*, está entre 4 e 5 com mediana 4 – acho que sim, o nível de concordância, para o uso de *nós + 3PS*, está entre 1 e 2 com mediana 2 – acho que não e adjacência superior 3 – não sei, o que significa considerar que os falantes universitários do sertão de Alagoas consideram que uma pessoa que faz uso de *nós + 3PS* não é formal, ao passo que o uso de *nós + 1PP* passa a ideia de que a pessoa que a utiliza é formal, ou seja, *nós + 1PP* é a variante que expressa formalidade entre os falantes.

⁴ Para a descrição dos dados, tomamos por base a pesquisa de Freitag, Cardoso e Gois (2018).

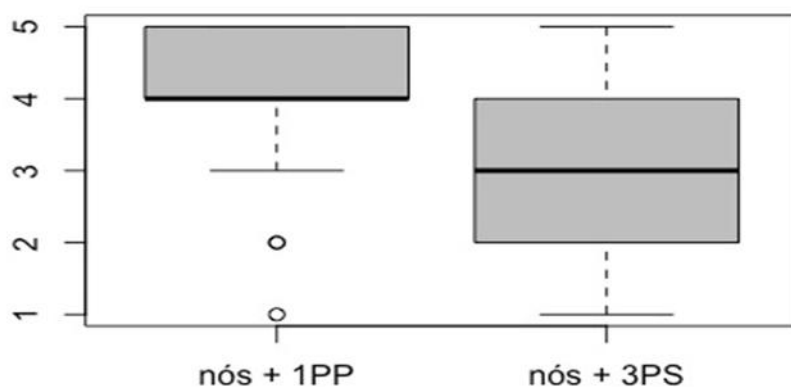


Gráfico 1: Julgamento de *nós + 1PP* e *nós + 3PS* sobre a formalidade



Para o critério escolaridade, que apresentou variância de 0,64 e valor-p de 0,083, observamos, conforme gráfico 2, que o nível de concordância, para o uso de *nós + 1PP*, está entre 4 e 5 com mediada 4 – acho que sim, ao passo que o nível de concordância, para o uso de *nós + 3PS*, está entre 2 e 4 com mediana 3 – não sei e valores mínimo e máximo de 1 e 5, respectivamente, o que sinaliza que *nós + 1PP* é mais associado a pessoas escolarizadas, mas *nós + 3PS* sugere um julgamento neutro. Esses dados corroboram os achados de Silva (2018), que apresentam percentuais significativos de uso de *nós + 3PS* entre os falantes dos ensinos fundamental – 19% e médio – 23%.

Gráfico 2: Julgamento de *nós + 1PP* e *nós + 3PS* sobre escolarização

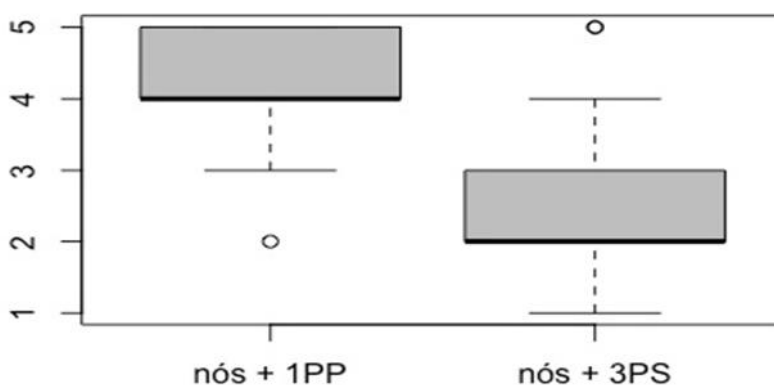


Em relação a falar bem, que apresentou variância de 0,51 e valor-p 0,008, verificamos, conforme gráfico 3, que o nível de concordância, para



o uso de *nós + 1PP*, está entre 4 e 5 com mediana 4 – acho que sim e valor mínimo 3 – não sei, ao passo que o nível de concordância, para o uso de *nós + 3PS*, está entre 2 e 3 com mediana 2 – acho que não e valores mínimo e máximo de 1 e 4, respectivamente, revelando que o uso de *nós + 1PP* concentrou suas respostas na opção acho que sim e o uso de *nós + 3PS* na opção acho que não. Esses julgamentos sugerem que quem usa *nós + 1PP* fala melhor do que quem usa *nós + 3PS*, mostrando um avaliação negativa para *nós + 3PS*.

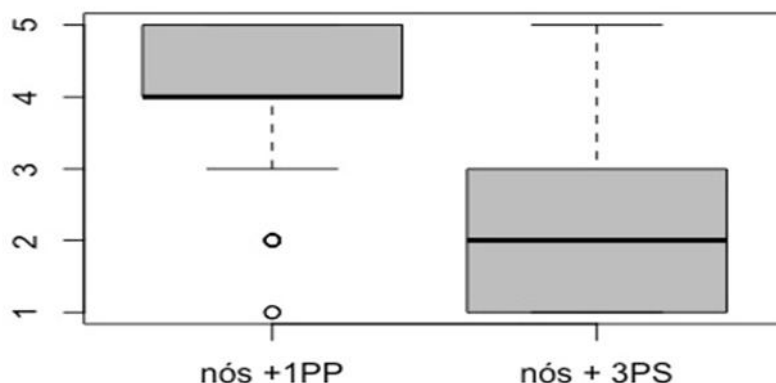
Gráfico 3: Julgamento de *nós + 1PP* e *nós + 3PS* sobre falar bem



Quanto ao critério falar bonito, com variância de 1,44 e valor-p de 0,14, verificamos, conforme gráfico 4, que o nível de concordância, para o uso de *nós + 1PP*, está entre 4 e 5 com mediana 4 – acho que sim e valor mínimo 3 – não sei, ao passo que o nível de concordância, para o uso de *nós + 3PS*, está entre 1 e 3 com mediana 2 – acho que não e valor máximo 5 – com certeza, mostrando que, para o uso de *nós + 1PP*, há uma avaliação positiva, pois os dados se concentram na opção acho que sim, ao passo que, para o uso de *nós + 3PS*, há uma avaliação negativa, uma vez que os dados se concentram na opção acho que não, logo quem faz usa de *nós + 3PS* não fala bonito.

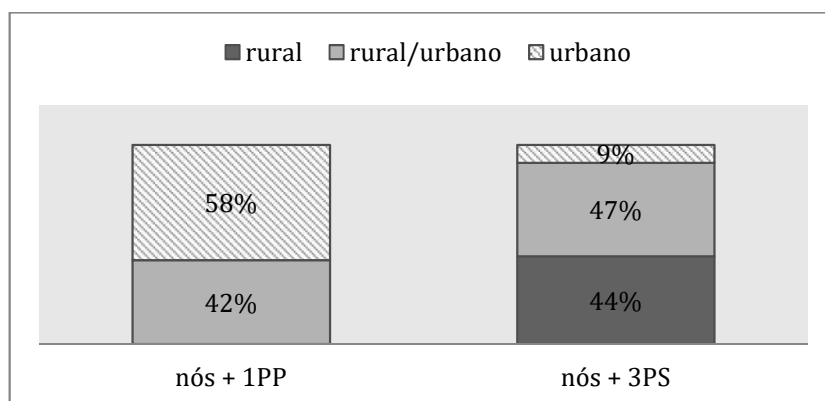


Gráfico 4: Julgamento de *nós + 1PP* e *nós + 3PS* sobre falar bonito



Por fim, para o critério rural/urbano, com variância de 0,59 e valor-p de 0,03, verificamos, conforme gráfico 5, que, para *nós + 1PP*, há a crença de que é uma variante da área urbana – 58% versus 42% que acreditam que pertencem tanto a área rural quanto a área urbana, ao passo que *nós + 3PS* apresenta percentuais de 44% para área rural, 47% para área rural e urbana e apenas 9% para a área urbana, o que sugere que quem mora na área urbana usa menos *nós + 3PS* do que quem mora no área rural. Ao analisarmos as respostas nos testes, verificamos que, para os informantes, tanto uma quanto a outra são usadas na área rural, mas *nós + 3PS* é mais frequente⁵.

Gráfico 5: Julgamento de *nós + 1PP* e *nós + 3PS* segundo localidade



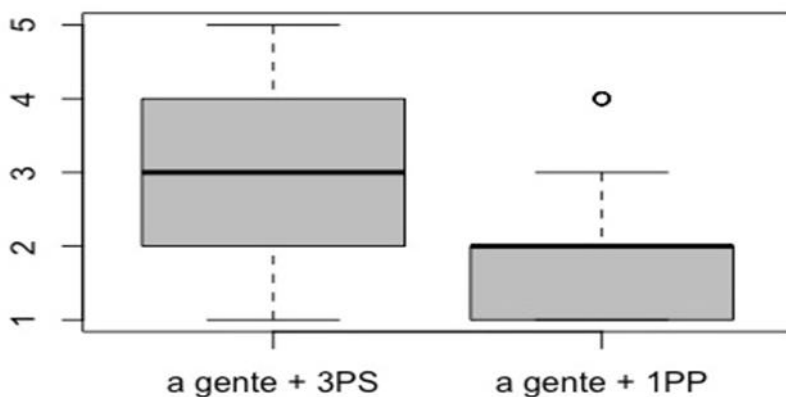
⁵ Apesar de não haver questão aberta no teste, observamos que, para o critério rural/urbano, alguns informantes procuraram justificar as suas escolhas.



Em relação à concordância verbal com *a gente*, tomamos por base a pesquisa de Rodrigues (2018), que mostra que, no sertão alagoano, *a gente + 3PS* é a variante preferida – 95% contra apenas 5% de *a gente + 1PP* e acreditamos que, mesmo a forma *a gente* não sendo abonada nos instrumentos normativos, *a gente + 3PS*, como *a gente estuda*, não receberá avaliação negativa, uma vez que tende a ser usada em diferentes situações comunicativas, caso que não ocorrerá com *a gente + 1PP*, como *a gente estudamos*, que tem uso mais restrito e é mais frequente entre os falantes menos escolarizados, do sexo masculino e mais velhos.

Para o critério formalidade, que apresentou variância de 2,01 e valor-p de 0,005, verificamos, conforme gráfico 6, que o nível de concordância, para o uso de *a gente + 3PS*, está entre 2 e 4 com mediana 3 – não sei e valores mínimo e máximo de 1 e 5, respectivamente, ao passo que o nível de concordância, para o uso da variante *a gente + 1PP*, está entre 1 e 2 com mediana 2 – acho que não e adjacência superior 3 – não sei, revelando que os julgamentos dos falantes apontam para uma avaliação neutra em relação ao uso de *a gente + 3PS*, o que justificaria seu uso em diferentes situações, mas uma avaliação negativa para *a gente + 1PP*, logo *a gente + 1PP* não é formal.

Gráfico 6: Julgamento de *a gente + 3PS* e *a gente + 1PP* sobre a formalidade

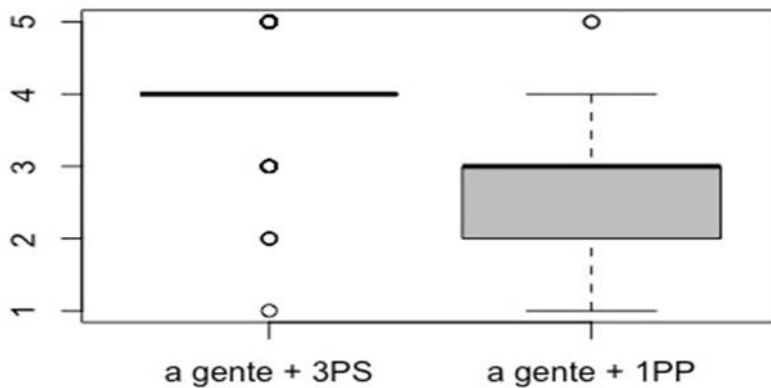


Em relação ao critério escolaridade, com variância de 0,82 e valor-p de 0,44, observamos, conforme gráfico 7, que o nível de concordância, para o uso de *a gente + 3PS*, concentra-se no 4 – acho que sim, julgando



escolarizada a pessoa que usa essa variante, caso que não ocorre com *a gente + 1PP*, que apresenta nível de concordância entre 2 e 3 com mediana 3 – não sei e valores mínimo e máximo de 1 e 4, respectivamente, o que parece haver aqui um julgamento neutro em relação ao uso de *a gente + 1PP*, que pode estar associado ao fato de que tal uso pode ser visto como um processo de hipercorreção, aparecendo, assim, na fala de pessoas mais escolarizadas.

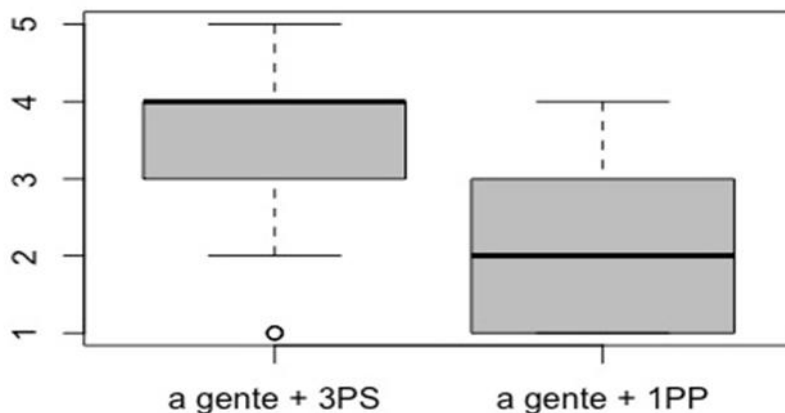
Gráfico 7: Julgamento de *a gente + 3PS* e *a gente + 1PP* sobre escolarização



Em relação ao critério falar bem, com variância de 1,16 e valor-p de 0,54, verificamos, conforme gráfico 8, que, para o uso da variante *a gente + 3PS*, o nível de concordância está entre 3 e 4 com mediana 4 – acho que sim e valores mínimo e máximo de 2 e 5 – respectivamente, ao passo que, para o uso da variante *a gente + 1PP*, o nível de concordância está entre 1 e 3 com mediana 2 – acho que não e valor máximo de 4, revelando, assim, uma avaliação positiva para o uso de *a gente + 3PS*, tanto que essa é a variante mais utilizada nessa comunidade de fala, e uma avaliação negativa para o uso de *a gente + 1PP*, indicando que quem a usa não fala bem.

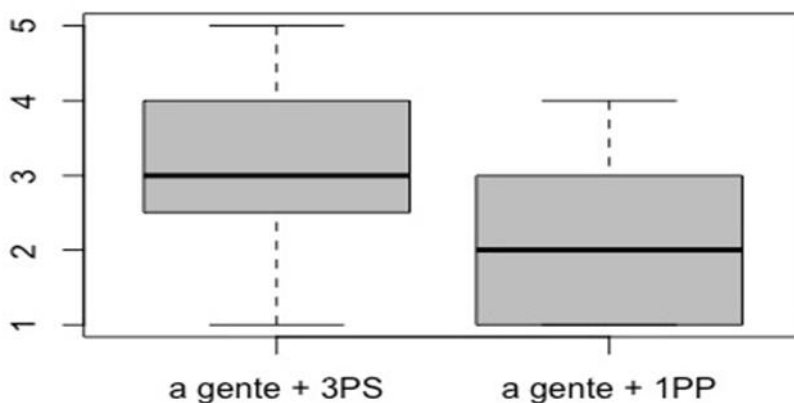


Gráfico 8: Julgamento de *a gente + 3PS* e *a gente + 1PP* sobre falar bem



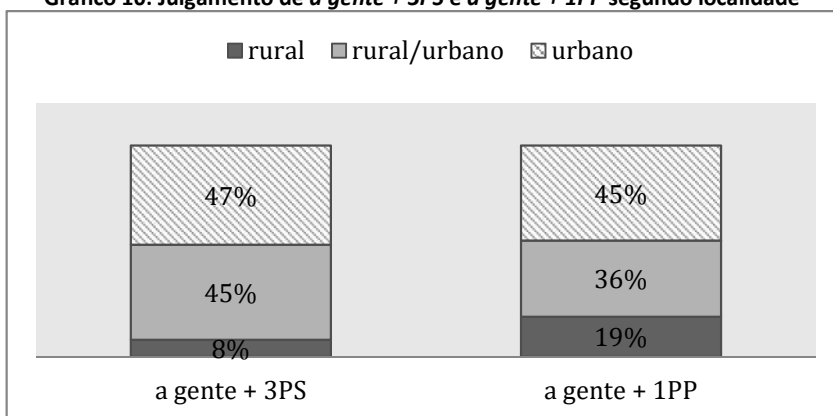
No que diz respeito à questão falar bonito, com variância de 1,18 e valor-p de 0,51, verificamos, conforme gráfico 9, que o nível de concordância, para *a gente + 3PS*, está entre 2.75 e 4 com mediada 3 – não sei e valores mínimo e máximo de 1 e 5, respectivamente, revelando uma neutralidade quanto ao uso dessa variante referente ao critério falar bonito, caso que não ocorre para *a gente + 1PP*, que apresenta nível de concordância entre 1 e 3 com mediana 2 – acho que não e valor máximo de 4. Esses julgamentos mostram que os falantes acreditam que quem fala *a gente + 3PS* fala bonito, mas quem faz uso da variante *a gente + 1PP* não fala bonito.

Gráfico 9: Julgamento de *a gente + 3PS* e *a gente + 1PP* sobre falar bonito



Por fim, em relação ao critério área rural/área urbana, que apresentou variância de 0,78 e valor-p de 0,34, verificamos, conforme gráfico 10, que tanto para a variante *a gente + 3PS* quanto para variante *a gente + 1PP* temos um julgamento parecido, com essas variantes sendo associadas à área urbana – 47% de *a gente + 3PS* e 45% de *a gente + 1PP*. É interessante também destacar que os percentuais obtidos para a área rural – 8% para *a gente + 3PS* e 19% para *a gente + 1PP* – revelam que os falantes julgam que a variante *a gente + 1PP* é mais utilizada na área rural do que na área urbana, caso que também aconteceu com a variante *nós + 3PS*.

Gráfico 10: Julgamento de *a gente + 3PS* e *a gente + 1PP* segundo localidade



Considerações finais

Apesar de partimos do pressuposto de que haveria níveis de aceitabilidade dessas variantes na comunidade em estudo, com *nós + 3PS* sendo menos estigmatizado do que *a gente + 1PP*, uma vez que é comum o uso de *nós + 3PS*, como *nós estuda muito*, principalmente pelos falantes que moram em comunidades mais isoladas da região do sertão alagoano, verificamos que, para os falantes universitários dessa comunidade, tanto *nós + 3PS* quanto *a gente + 1PP* são traços linguísticos que recebem atributos negativos, como: não é formal, não fala bem e não fala bonito o falante que faz uso dessas formas, reforçando o rótulo de estereótipo que é associado a essas variantes.

Em relação à localidade, verificamos que tanto a variante *nós + 3PS* quanto a variante *a gente + 1PP* são mais associadas à área rural. No entanto, no que diz respeito ao critério ser escolarizado, observamos um



juízo neutro tanto para *nós + 3PS* quanto para *a gente + 1PP*, o que parece ser associado não só a produção de *nós + 3PS* na comunidade em estudo, que, segundo Silva (2018), apresenta percentuais significativos tanto entre os falantes analfabetos quanto entre os falantes que possuem os ensinamentos fundamental e médio; quanto ao fato de *a gente + 1PP* se comportar como um fenômeno de hipercorreção e aparecer em situações comunicativas mais formais.

Essas considerações são ainda questões que vêm sendo formuladas e testadas na comunidade em estudo. Logo, julgamos pertinente a aplicação de outros testes de percepção, o que nos permitirá ampliar o diálogo entre estudos de produção e percepção. No entanto, salientamos a relevância desta pesquisa para a descrição e análise da variação na concordância verbal com a primeira pessoa do plural e para as discussões acerca do problema empírico da avaliação linguística. Da mesma forma, os resultados a que chegamos somam informações importantes sobre o estatuto da concordância verbal com os pronomes *nós* e *a gente* no sertão alagoano.

Referências

- ALMEIDA, A. **A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS**. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.
- CAMPBELL-KIBLER, K. I'll be the judge of that: Diversity in social perceptions of (ING). **Language in Society**. 37 (5). 637–659, 2008.
- CARMO, S. D. S.; ARAÚJO, S. S. F. **A concordância verbal com a primeira pessoa do plural no português popular falado em feira de Santana-BA**. In: *Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, 2010*, p. 575-580.
- COELHO, R. F. **É nós na fita! Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana**. São Paulo, 2006. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2006.



BRANDÃO, S. Variação e o estatuto de variedades do português. **Diadorim**, Rio de Janeiro, Especial, p. 83-104, 2016.

DRAGER, K. Experimental methods in sociolinguistics. In: HOLMES, I.; KIRK, H. (Ed.). **Research methods in sociolinguistics: a practical guide**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2013.

FREITAG, R. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. **D.E.L.T.A.**, 32, p. 889-917, 2016.

FREITAG, R.; CARDOSO, P.; GOIS, P. A percepção da variação na primeira pessoa do plural: efeitos do monitoramento estilístico e urbanização. In: LOPES, N. et al. (org.) **Fala e contexto no português brasileiro: estudos sobre variação e mudança linguística**. Salvador: EdUNEB, 2018.

FOEGER, C.; YACONVENCO, L.; SCHERRE, M. A primeira pessoa do plural em Santa Leopoldina/ES: correlação entre alternância e concordância. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 10, n. 1. P. 5 – 17, jan./jun. 2017.

KENEDY, E. Psicolinguística na descrição gramatical. In: MAIA, M. (Org.). **Psicolinguística, psicolinguísticas**. Rio de Janeiro: Contexto, 2015. p. 143-156.

LABOV, W. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia, Univ. of Pennsylvania Press, 1972.

_____. On the use of present to explain the past. In: HEILMANN, L. (ed.) **Proceedings on the 11th International Congresso f Linguistics**. Bologna: Il Mulino, 1975, p. 825-851.

MATTOS, S. E. R. A primeira pessoa do plural em Goiás. In: MARÇALO, M. J.; LIMA HERNANDES, M. C.; ESTEVES, E.; FONSECA, M. C.; GONÇALVES, O.; VILELA, A. L.; SILVA, A. A. (Ed.). **Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**. Universidade de Évora: Évora, 2010.

NARO, A. J.; GÖRSKY, E.; FERNANDES, E. Change without change. **Language Variation and Change**, 11, p. 197-211, 1999.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. Tese. Universidade de São Paulo, 2015.



RODRIGUES, A. **A concordância verbal no português popular em São Paulo**. Tese. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1987.

RODRIGUES, F. **Concordância verbal com o pronome *a gente* no sertão alagoano**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Alagoas, 2018.

RUBIO, C. Decisões metodológicas no estudo de fenômenos variáveis de primeira pessoa do plural. **Anais do XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina**, 2014.

SILVA, A. **Concordância verbal com o pronome *nós* no sertão alagoano**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Alagoas, 2018.

VITÓRIO, E. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos pronomes *nós* e *a gente* na cidade de Maceió/AL. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 40, p. 67-91, 2017a.

_____. O pronome *a gente* na fala maceioense: um estudo sociolinguísticos. **Revista (Con)textos Linguísticos**, v. 11, n. 19, p. 63-82, 2017b.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Empirical foundations for a theory of language change**. University of Texas Press, 1968.

ZILLES, A.; MAYA, L.; SILVA, K. A concordância verbal com a 1ª pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre. **Organon**, v. 14, n. 28-29, p. 195-219, 2000.

Recebido: 01/05/2018

Aceito: 02/07/2018

